

CONCEPÇÕES QUE FUNDAMENTAM PRÁTICAS, PRÁTICAS QUE REMODELAM CONCEPÇÕES: ENSAIO SOBRE A FILOSOFIA E O SEU ENSINO

CONCEPTIONS THAT FOUND PRACTICES, PRACTICES THAT FOUNDED CONCEPTIONS: ESSAY ON PHILOSOPHY AND ITS TEACHING

Álvaro de Souza Maiotti¹

Resumo: Pretendo, com o presente ensaio, revisitar as distintas concepções de Filosofia presentes em minha trajetória acadêmica e profissional e as práticas de ensino delas decorrentes. Valendo-me da recordação de momentos vividos em sala de aula ao longo de quase uma década como docente na educação básica, e de trabalhos científicos produzidos no mesmo período, avalio as permanências e descontinuidades – conceituais e práticas – que me conduziram às atuais concepção e prática de ensino de Filosofia. A premissa fundamental adotada nesta reflexão é a da indissociabilidade entre concepção de Filosofia e prática de ensino: considerando o fato de que não há um consenso na história a respeito de sua definição, visto que cada filósofo a concebe de uma forma, o que se entende por Filosofia interfere diretamente na escolha de estratégias que viabilizam o seu ensino.

Palavras-chave: Filosofia. Filosofia do Ensino de Filosofia. Metacognição.

Abstract: With this essay, I intend to revisit the different conceptions of Philosophy present in my academic and professional trajectory, and the teaching practices resulting from them. Using the memories of moments lived in the classroom for almost a decade as a teacher in basic education, and the articles produced in the same period, I evaluate the conceptual and practical permanencies and discontinuities that led me to the current conception and practice of teaching Philosophy. The fundamental premise adopted in this reflection is the indissociability between conception and teaching practice. There is no consensus in history about the definition of philosophy because each philosopher conceives it in a way. Therefore, the chosen definition interferes directly in the choice of teaching strategies.

Keywords: Philosophy. Philosophy on Teaching Philosophy. Metacognition.

1. Introdução

Pretendo, com o presente ensaio, revisitar as distintas concepções de Filosofia presentes em minha trajetória acadêmica e profissional e as práticas de ensino delas decorrentes. Valendo-me da recordação de momentos vividos em sala de aula ao longo de quase uma década como docente na educação básica, e de trabalhos científicos produzidos no mesmo período, avalio as permanências e descontinuidades – conceituais

¹ Discente no Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO, núcleo Universidade Federal do ABC (UFABC). Bolsista CAPES. E-mail: alvaro_maiotti@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6631-0234>.

e práticas – que me conduziram às atuais concepção e prática de ensino de Filosofia. A premissa fundamental adotada nesta reflexão, que empresto do Prof. Dr. Silvio Gallo², é a da indissociabilidade entre concepção de Filosofia e prática de ensino: considerando o fato de que não há um consenso na história a respeito de sua definição, visto que cada filósofo a concebe de uma forma (GUIDO; GALLO; KOHAN, 2013), o que se entende por Filosofia interfere diretamente na escolha de estratégias que viabilizam o seu ensino.

2. Amor pela Sabedoria

Iniciei a carreira docente em fevereiro de 2013 como professor em regime de contratação temporária (categoria O), quando ainda cursava o último ano da licenciatura em Filosofia. Lecionava para alunos do ensino médio regular e da educação de jovens e adultos (EJA) em duas escolas públicas estaduais na periferia da Zona Sul da cidade de São Paulo, na região do Campo Limpo. Conciliar docência, atividades e disciplinas da graduação, estágio obrigatório e elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso exigiu muito de mim. Embora tivesse tido acesso a bons textos, que certamente teriam bem orientado a minha prática, segui o caminho da transcrição e reprodução que trilhei enquanto estudante durante as aulas de boa parte das disciplinas ao longo da educação básica. Apoiado quase que exclusivamente sobre a definição etimológica de Filosofia, currículos e materiais oficiais da rede pública estadual de educação, transcrevia longos textos na lousa e aguardava para rubricar a reprodução feita pelos estudantes em seus cadernos: prática que em nada contribua para despertar o “amor pela sabedoria”. Eu diria que até reconhecia a Filosofia como um campo do saber. Contudo, este campo se reduzia a um terreno baldio e estéril no qual acumulavam-se toneladas de pensamentos (dos) mortos e que, portanto, não dialogavam com o presente. Havia uma crença de que seria possível aprender maquinalmente sendo suficiente, para isso, a transcrição de sua história, de excertos de textos que tratam dos temas que lhes são caros ou que apresentam a síntese de determinados raciocínios filosóficos – como o *cogito* cartesiano, por exemplo. Não conseguia notar que, talvez por isso, a Filosofia não exercia sobre os alunos o fascínio com o qual me cativou outrora. Um *mea-culpa* se faz necessário aos alunos que sobreviveram a essa traumática experiência.

² Apesar de não poder afirmar que é ele o autor da premissa, foi por meio dele que a conheci, durante uma Orientação Técnica organizada pela Diretoria de Ensino – Região Sul 1 e realizada em 9 de agosto de 2017.

3. Filosofia, leitura, literatura: primeiras aproximações

Imediatamente após o término da primeira graduação, iniciou-se uma fase na qual se amalgamaram algumas oportunidades profissionais e de formação continuada, gerando ideias, reflexões e trabalhos acadêmicos. Cursei a licenciatura em Pedagogia entre 2014 e 2017. O curso me proporcionou um inesquecível encontro com os feitos e a obra de Paulo Freire, inaugurando uma das possíveis permanências quanto ao modo de se relacionar com a Filosofia: a postura crítica de sujeito que lê, interpreta e modifica o mundo no qual está inserido. Não por acaso, pouco tempo depois, escolhi como epígrafe da monografia do curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio (UFMS) uma das mais belas frases do autor sobre o ato de ler:

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. (FREIRE, 1997, p. 20).

O trabalho em questão (MAIOTTI, 2018a) intentou esboçar uma proposta metodológica para o ensino da disciplina a partir de suas relações com a Literatura, convergindo a abordagem metodológica problemática de inspiração deleuziana e a concepção de Murcho (2011) acerca da natureza da Filosofia e seu ensino, e desdobrou-se em duas apresentações de trabalho com publicações dos respectivos resumos (MAIOTTI, 2018b; MAIOTTI, 2018c) e uma publicação em formato de artigo (MAIOTTI, 2019b). Recordaremos a seguir os seus tópicos principais.

Murcho (2011) advoga que, no que se refere à natureza, a Filosofia se distingue das demais áreas de conhecimento apenas em grau, e não em espécie. Pensar em graus de diferença nos remete à noção de hierarquia, ainda que o autor não estabeleça uma ordem de importância entre elas. Avesso a esse tipo de ordenamento, prefiro visualizar a disposição das áreas do saber de maneira horizontal, compreendendo as diferenças de grau mediante os escopos de atuação de cada uma: um filósofo pode se interessar pelas questões concernentes à música, por exemplo, mas o modo com o qual lidará com elas diverge do modo com o qual um músico o fará.

Ainda segundo Murcho (2011), o que as aproxima é o fato de estarem em contínuo processo de desenvolvimento; e o que as distancia é o fato de a Filosofia não possuir conteúdos suficientes para transpor os limites e barreiras do conhecimento, uma vez que

ela se constitui do confronto de ideias entre filósofos que se empenharam à exploração e resolução de diferentes problemas ao longo da história. Desprovido de conteúdos filosóficos, o filósofo deve apoiar-se sobre os conteúdos das demais áreas de conhecimento para resolver os problemas que lhe interessam. Neste ponto, concordo e discordo do autor.

Concordo no tocante ao manejo de conteúdos das demais áreas: aproveitando o exemplo do parágrafo anterior, seria difícil pensar filosoficamente sobre música sem conhecer ao menos as propriedades básicas do som, tais como altura, duração, intensidade e timbre. Discordo quanto à escassez de conteúdos filosóficos e superação dos limites e barreiras do conhecimento. Sendo assim, emergem aqui duas discontinuidades: *i*) para não mencionar as filosofias africana, ameríndia e oriental, só o arcabouço da filosofia ocidental possui mais de 2.500 anos de história, e abarca pensadores de múltiplas nacionalidades, com interesses diversos. Se o foco dos estudos deve recair sobre os problemas enfrentados pelos filósofos, como afirma Murcho (2011), estamos diante de um vastíssimo repertório; *ii*) não é a quantidade de conteúdos o que nos permite efetuar a dita transposição de limites e barreiras, mas a habilidade de articular o que já foi pensado, de maneira criativa, propondo soluções originais aos desafios que se apresentam e que, à primeira vista, parecem insolúveis.

Murcho (2011) elenca ainda outras habilidades requeridas ao filosofar, e que também considero importantes: o uso proficiente das lógicas formal e informal; a análise e comparação de múltiplas teorias; a capacidade de refletir de maneira rigorosa e detalhada sobre temas, problemas e assuntos de interesse; e a criatividade para formular e defender as próprias ideias.

A abordagem problemática – que, a meu ver, dialoga com a perspectiva de Murcho (2011) – propõe um modo de organizar os conteúdos visando a explicitação dos problemas que mobilizaram o pensamento e a construção de conceitos pelos filósofos, conforme seu movimento de criação. O pilar que a sustenta é a concepção deleuziana de problema enquanto força motriz do pensamento filosófico. O problema pertence à ordem do acontecimento. Caótico e imprevisível, ele é sempre uma singularidade composta por um agenciamento de singularidades. Move-nos a pensar por que, enquanto singularidade, não apresenta uma fórmula pré-determinada: ele se apresenta como um desafio para o qual precisamos construir uma resposta, e cuja resolução depende dos agenciamentos das singularidades que o compõem. (GUIDO; GALLO; KOHAN, 2013).

Para Guido, Gallo e Kohan (2013), o problema não pode ser um artifício para a construção do pensamento: não pode ser empregado como etapa a ser superada no processo de construção do conhecimento filosófico. Para que seja agenciador de experiências no pensamento, ele deve ser objetivo: vivenciá-lo sensivelmente torna-se mais importante do que a sua resolução. Isso nos conduz à autonomia do pensamento que se realiza nessa experiência particular, real e de criação de conceitos, e que é possibilitada pela chamada pedagogia do problema, ainda a ser inventada. O enfrentamento de problemas reais e concretos com o auxílio da Filosofia é uma das permanências que surgem do contato com a abordagem problemática e com o pensamento de Gilles Deleuze.

Finalmente, as relações entre Filosofia e Literatura são compreendidas com base nos seguintes aspectos: *i*) a pluridisciplinaridade³ como resultado da necessidade crescente de superação da fragmentação das ciências e dos saberes por elas produzidos (THIESEN, 2008), tendo em vista o aprimoramento dos processos de ensino-aprendizagem e a potencialização de seus resultados; *ii*) o interesse pela leitura e literatura compartilhado mesmo entre filósofos que não pertencem ao campo da estética; *iii*) a literatura ou os variados gêneros literários como veículos de difusão e matéria-prima para a elaboração do pensamento filosófico; *iv*) a constituição histórica e linguística da Filosofia (GAGNEBIN, 2016)⁴.

Monografia (MAIOTTI, 2018a), resumos (MAIOTTI, 2018b; MAIOTTI, 2018c) e artigo (MAIOTTI, 2019b) mantiveram o teor, diferindo entre si apenas com relação à extensão. No período em que foram publicados lecionava, como no início de carreira, para turmas de ensino médio regular e de EJA. A *leitura de mundo*, latente, me impelia a instigar os estudantes a se interessarem por temas da política e a refletirem sobre os problemas cotidianos, tais quais o súbito aumento de preço nas passagens de ônibus e a disparidade entre preço pago e qualidade do transporte público. Condizente com os novos contornos que a Filosofia passou a assumir, observamos no exemplo acima uma ruptura e uma permanência em relação às práticas de ensino-aprendizagem.

³ O que se entende por interdisciplinaridade consiste na pluridisciplinaridade. A interdisciplinaridade pressupõe uma integração maior entre as disciplinas, a ponto de se estabelecer um novo nível de conhecimento. O nível de integração pluridisciplinar, por sua vez, é caracterizado pela troca de conhecimentos, experiências e metodologias (VEIGA-NETO, 1995).

⁴ História e Linguagem delimitam o fazer filosófico porque: *i*) a Filosofia se autodefine e é definida de muitos modos, segundo os momentos de sua história; *ii*) o fazer filosófico só se pode dar na e pela linguagem (GAGNEBIN, 2016).

4. Filosofia e desigualdades sociais

Elaborado no mesmo período em que foram publicadas as produções anteriormente mencionadas, outro artigo que veio a público em 2019 (MAIOTTI, 2019a) é fruto dos estudos realizados durante os cursos de Aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (UFSCar/UFF), e do contato com alguns textos de Miguel Arroyo. Desta marcante experiência, destaco o documentário argentino *Informe sobre la inequidad*.

Pelas lentes de Pablo Nisenson (2011), diretor e produtor desse premiado documentário, é possível observar e comparar os efeitos de vários aspectos aparentemente inofensivos do cotidiano de duas adolescentes: uma rica, e outra pobre. Impressionei-me ao constatar a direta relação entre subnutrição e dificuldade de comunicação/expressão: a ausência de nutrientes necessários ao desenvolvimento biológico adequado, observada nos exames laboratoriais da adolescente pobre, dificultava a comunicação entre os dois hemisférios do seu córtex cerebral. Refletindo sobre a importância da escola na educação pública brasileira e os programas de transferência de renda, comecei a pensar qual seria o papel da Filosofia neste cenário. Compreendendo a disciplina sob a perspectiva de Murcho (2011) concluí, à época, que aos moldes institucionais, a Filosofia tende a contribuir com a reprodução, e não com a redução das desigualdades sociais, dado que os arranjos curriculares se direcionam à satisfação das necessidades neoliberais, e não à formação integral do ser humano. A preocupação com a transformação da realidade circundante, aflorada no encontro com Paulo Freire, solidifica-se gradual e paulatinamente.

5. Filosofia e Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC)

Acorrentadas ao século passado, pedagogicamente e infraestruturalmente, as escolas públicas estaduais da periferia de São Paulo mantiveram-se, durante muitos anos, à margem das transformações promovidas pelo advento e evolução das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Com o intuito de agregar à minha prática de ensino as potencialidades desses novos recursos, ingressei no curso de Especialização em Educação e Tecnologias com habilitação em Design Instrucional (Projeto e Desenho Pedagógico) e em Produção e Uso de Tecnologias para Educação (UFSCar). O artigo de conclusão de curso (MAIOTTI, 2018d) foi apresentado em congresso e publicado em

dois formatos: como resumo (MAIOTTI, 2019c) e como capítulo de livro (MAIOTTI; MONTEIRO, 2021).

Descrevendo a experiência de usabilidade da Plataforma Currículo⁵, esses trabalhos denunciaram o número reduzido de objetos de aprendizagem (OA)⁶ disponíveis para a disciplina de Filosofia quando comparado aos das demais disciplinas do currículo oficial, bem como a pouca variedade de recursos empregadas em sua construção, e evidenciaram a necessidade de ampliação da produção de OA para o ensino de Filosofia e de estudos voltados a essa temática. No entanto, problemas mais graves me impediram de utilizá-los nas aulas, tais quais: alunos sem acesso à Internet, qualidade dos equipamentos da escola (conexão, *hardware*, *software*), alunos sem acesso ao laboratório de informática da escola, entre outros. Dessa infrutífera experiência permanece apenas o desejo de estender o alcance da Filosofia.

6. Filosofia, leitura, literatura: relações mais estreitas

Estreitando as relações entre Filosofia e Literatura, o capítulo de livro publicado em 2020 (MAIOTTI; ROCHA, 2020) ressoa as ideias e reflexões de publicações anteriores sobre o tema (MAIOTTI, 2018a; MAIOTTI, 2018b; MAIOTTI, 2018c; MAIOTTI, 2019b), distinguindo-se delas em razão dos seguintes aspectos: *i*) a substituição de Murcho (2011) por Deleuze (1974) e Deleuze e Guattari (2003; 2010) como autores de referência para a fundamentação teórica no que tange aos conceitos de literatura menor, conceito e problema; *ii*) o enfoque na literatura marginal brasileira e seus expoentes, sobretudo a produzida nas duas últimas décadas.

Grosso modo, segundo Deleuze e Guattari (2003), a menoridade não é um atributo que qualifica determinada literatura, mas um termo que se aplica às condições revolucionárias de um tipo de literatura que subsiste à literatura estabelecida. Suas categorias fundamentais são: o coeficiente de desterritorialização; a conexão entre o individual e o imediato político; e o agenciamento coletivo de enunciação. Um ótimo exemplo da primeira categoria é o emprego da coloquialidade, gírias e palavrões: fazendo uso desses recursos, Ferrés (2015) demarca um território próprio no seio da

⁵ Repositório de recursos digitais da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo - Seduc/SP. A plataforma foi atualizada para adequar-se à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e aos novos currículos vigentes. Cf.: <https://curriculomais.educacao.sp.gov.br/>.

⁶ Qualquer material, digital ou não, utilizado como recurso de apoio para a aprendizagem ou treinamento (OTSUKA, 2018).

normatividade da língua portuguesa. A segunda categoria pode ser ilustrada por conflitos individuais, vividos por determinadas personagens, que se conectam a contextos mais amplos e que são partilhados por outras pessoas – a resposta ao machismo, feminicídio e misoginia presente no poema de Elizandra de Souza (s.d), por exemplo. A terceira categoria está intimamente conectada com o imediato político: não é o talento individual de um(a) “mestre” que sobressai nessas produções, mas a voz de um coletivo – é o que observamos na obra de Sérgio Vaz (2011).

A articulação entre literatura menor/marginal e Filosofia ocorre na medida em que a primeira empresta à segunda suas categorias fundamentais. Assim, filosofar é desterritorializar-se filosoficamente, desenvolvendo no seio da Filosofia estabelecida um pensamento que faz frente aos problemas individuais e concretos que nos afligem e que se conectam aos contextos econômicos e sociais mais amplos. O agenciamento coletivo de enunciação ocorre porque a produção de Filosofia não é resultado do talento individual de um(a) filósofo(a): ao criar conceitos para enfrentar problemas, o(a) filósofo fala, em certa medida, em nome daqueles com quem partilha os sabores e dissabores da vida. Filosofar “[...] como um cão que faz um buraco ou um rato que faz a toca” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 41), construindo o próprio pensamento no seio do pensamento filosófico estabelecido em face dos problemas reais que se conectam ao imediato político: essas são permanências que ainda carrego. Ainda que a palavra seja a principal ponte entre nós e o mundo (MAIOTTI, 2018c), criar conceitos me parece uma tarefa demasiadamente abstrata e pouco efetiva à transformação da realidade circundante.

7. Filosofia, Sociologia, pluridisciplinaridade

Resultado dos estudos e leituras proporcionados pelo curso de Especialização em Sociologia para o Ensino Médio (UnB), o artigo de conclusão de curso (MAIOTTI, 2019d), que também foi publicado no mesmo formato (MAIOTTI; BORBA, 2022) e apresentado em congresso, sugere o diálogo pluridisciplinar entre Sociologia e Filosofia como estratégia de resistência aos professores da educação básica, em especial do ensino médio, diante das reformas educacionais que visam reduzir o espaço dessas disciplinas nos currículos. No que concerne ao ensino de Filosofia, o artigo de Murcho (2011) e a abordagem problemática deleuziana permanecem como referências importantes; para compreender a Sociologia e pensar sobre o seu ensino, recorri a Bauman e May (2010), Araújo e Lima (2015) e Nóbrega (2015).

Para Bauman e May (2010), a Sociologia como uma ciência: um conjunto disciplinado de práticas que detém considerável corpo de conhecimentos acumulados ao longo da história. O que determina seus limites em relação às demais ciências é o ponto de vista pelo qual as ações humanas são observadas, pesquisadas, descritas, explicadas. Sob sua ótica, essas ações são componentes de contextos mais amplos, caracterizados pela reunião não-aleatória de atores numa rede de mútua interdependência.

Como os tipos de relações sociais e de sociedades em que vivemos interferem nas imagens que formamos uns dos outros, de nós mesmos e de nosso conhecimento, ações e suas consequências? Essas questões, pertinentes à realidade prática da vida cotidiana, formam a sua área própria de discussão, na qual o senso comum possui um lugar especial. Rico, desordenado e assistemático, ele é fonte de questões importantes à prática do sociólogo. Ao abordá-lo e desafiá-lo, a Sociologia nos move e encoraja a reavaliar experiências, problematizando o entrelaçamento de nossas biografias com a história que dividimos com os pares; nos torna mais sensíveis e tolerantes em relação à diversidade, permitindo-nos enxergar novos horizontes além de nossas experiências imediatas; ajuda-nos a entender de um modo um pouco mais completo quem nos cerca, permitindo-nos observar melhor o indivíduo humano, parte de um coletivo, e aprender a respeitar o direito de cada um de escolher e praticar maneiras de viver conforme suas preferências, enfrentando os obstáculos com que todos se deparam, em variados graus. Trata-se de um modo de pensar que tem um potencial para promover a solidariedade entre nós, solidariedade fundada na compreensão e respeito mútuos, na resistência conjunta ao sofrimento e na partilhada condenação das crueldades que o causam. (BAUMAN; MAY, 2010).

Segundo Nóbrega (2015), outras duas importantes características são atribuídas ao pensamento sociológico: a desnaturalização e o estranhamento. A primeira é responsável pela compreensão da relação existente entre fatos/acontecimentos e intervenções no mundo. O estranhamento, segundo Araújo e Lima (2015), é responsável pela atitude de questionar os argumentos que pretendem naturalizar os ditos fatos e acontecimentos. Metodologicamente, o ensino da disciplina apoia-se sobre três recortes que se combinam conforme a situação didática: conceitos, teorias e temas. Para lidar com determinado tema, é necessário construir conceitos; estes, articulam-se entre si, compondo teorias mais amplas.

Filosofia e Sociologia contribuíram para repensar a data de 13 de maio de 1888 junto aos estudantes do ensino médio. A motivação foi a constatação de que grande parte

dos estudantes desconhecia a data em questão. E dentre os poucos que a conheciam, boa parte reproduzia a perspectiva canônica de que a escravização e todas as suas formas de violência, passivamente aceitas pelas pessoas negras, teve fim com a promulgação da Lei Áurea, como consequência de um nobre gesto de bondade da Princesa Isabel.

Nosso ponto de partida foi a experiência cinematográfica. Antes de conversarmos a respeito de qualquer aspecto do tema, assistimos ao filme *Doutor Gama*, dirigido por Jeferson De (2021). Nascido livre, Luiz Gama foi vendido como escravo pelo pai quando ainda era criança. Ao término da adolescência conseguiu alfabetizar-se e, com os conhecimentos que adquiriu sobre legislação, foi capaz de lutar pela própria liberdade e se tornar um brilhante advogado. Gama também foi responsável pela libertação de mais de 500 pessoas escravizadas.

Nas aulas seguintes, o estranhamento e a desnaturalização nos possibilitaram olhar para o passado de forma mais acurada e desconstruir a narrativa acima mencionada: cerca de 18 anos antes da promulgação da Lei Áurea, Luiz Gama já estava em plena atividade, atuando como rábula, libertando pessoas escravizadas com base na Lei Eusébio de Queiroz que, desde a sua promulgação em 1850, proibia a entrada de africanos escravizados no Brasil.

As reflexões construídas sobre o legado da escravidão para os dias atuais não poderiam desconsiderar as contribuições de Frantz Fanon, mais precisamente de seu texto *Racismo e Cultura* que, a meu ver, já inaugurava à época de sua primeira publicação a noção de racismo estrutural hoje amplamente discutida por grandes nomes da filosofia brasileira, como Djamila Ribeiro e Silvio Almeida. Fanon, grande pensador martinicano que atuou como teórico e ativista político na Frente de Libertação Nacional da Argélia na década de 1950, estudou medicina, psicologia, literatura, teatro e filosofia: é o tipo de pensador cuja obra circula por diversos campos do saber, não podendo ser encerrada em algum deles.

Após conhecer a história de Luiz Gama e repensar os efeitos colaterais de mais de 300 anos de um passado escravocrata, os estudantes foram convidados a conhecer a história de 17 mulheres negras que lutaram contra a escravidão no Brasil. Com o apoio de um texto publicado no Portal Geledés, cada estudante escolheu um nome para pesquisar a biografia e as ações de combate à escravidão. As pesquisas individuais foram compartilhadas numa grande roda de conversa: a pequena e simples tarefa de pesquisa individual transformou-se numa atividade de aprendizagem colaborativa, oportunidade privilegiada para aprender com os pares e enriquecer as próprias pesquisas.

As atividades aqui descritas encontram amparo no Currículo Paulista (2020) em diferentes objetos de conhecimento das duas disciplinas, conforme consta no Organizador curricular da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (Quadro 1):

Quadro 1 – Objetos de conhecimento relacionados à atividade

DISCIPLINA	OBJETO DE CONHECIMENTO
Filosofia	- O conceito de civilização, o projeto de modernidade, a “pós-modernidade” e suas contribuições para a compreensão das noções de civilização e barbárie.
Sociologia	- Discursos racista, etnocentrista e evolucionista e sua contraparte nas sociedades contemporâneas: a eugenia, o arianismo, o colonialismo, o relativismo cultural e o multiculturalismo.
Filosofia	- A reflexão ética: as exigências morais do homem moderno. - As exigências morais da contemporaneidade e as implicações para os direitos humanos. - Os regimes políticos e a “produção” da moral.
Sociologia	- Minorias nas sociedades do século XX: negros/índios e imigrantes/refugiados, entre outros.
Filosofia	- A Identidade na produção filosófica: a Filosofia nos países africanos e latino-americanos. - A desigualdade, a exclusão e os direitos: os distintos aspectos da sociabilidade e da cidadania.
Sociologia	- Movimentos sociais urbanos: grupos marginalizados (indígenas, afrodescendentes, deficientes, entre outros); políticas públicas (redistributivas de renda, ações afirmativas, cotas).

Fonte: adaptado de São Paulo (2020).

Dentre os pontos positivos, destaco os seguintes: o filme foi bem recebido pelos estudantes, que o assistiram com atenção; a grande maioria desconhecia a história de Luiz Gama, então a atividade contribuiu para eliminar o que Chimamanda Adichie (2009) chamou de “perigos de uma história única”; conhecer a história e os feitos das mulheres que lutaram contra a escravidão contribuiu para a fixação de duas grandes lições: *i*) a escravidão não foi aceita de maneira passiva; *ii*) a atuação das mulheres foi fundamental, embora a história canônica faça questão de não mencionar o fato; os estudantes se surpreenderam com o que descobriram e aprenderam, e se perguntaram o porquê de temas tão importantes não serem abordados em outras disciplinas ou etapas da educação básica; com as ferramentas da Filosofia e da Sociologia eles olharam para o passado, compreenderam um pouco o presente, e nós plantamos a semente de um futuro que esperamos ser melhor. Sobre os pontos negativos, infelizmente não foi possível ler e discutir o texto *Racismo e Cultura* com todas as turmas, embora a discussão sobre o racismo estrutural, sua gênese, presença e efeitos em nossa sociedade atual tenha acontecido.

8. Considerações finais

Avaliando minha trajetória acadêmica e profissional, identifico dois grandes momentos nos quais, forçado a modificar a concepção de Filosofia, remodelei as práticas de ensino que empregava, considerando o cenário de atuação majoritariamente composto pelas escolas públicas da periferia da Zona Sul de São Paulo.

O primeiro é marcado pela constatação de que a compreensão da disciplina e o método escolhido para ensiná-la não dialogavam com a realidade dos estudantes, o que tornava o saber filosófico desinteressante e esterilizava a prática de ensino. O contato com os textos de Paulo Freire inspirou-me a procurar uma solução nas aproximações entre Filosofia e Literatura, pautado pela esperança de que a leitura nos conduz à autonomia: tornar-se sujeito do “processo de conhecer em que se acha”, mediado pela literatura marginal, viabiliza o processo de tornar-se sujeito diante do mundo circundante. O segundo é marcado pela necessidade de contribuir, de maneira concreta, com a transformação da realidade: agrupam-se aqui os textos, reflexões e práticas relacionados à diminuição das desigualdades sociais e à tentativa de estabelecer uma conexão entre Filosofia e atualidade, seja por meio das TIC, seja por meio da parceria com disciplinas que explicitamente se voltam aos problemas do cotidiano, como a Sociologia.

Após percorrer um longo caminho, de permanências e discontinuidades conceituais e práticas, arrisco-me a esboçar uma conceituação: a Filosofia é uma ciência cujo *modus operandi* requer habilidades, tais quais: análise e comparação, criatividade, raciocínio lógico, reflexão rigorosa e detalhada. A abertura ao diálogo pluridisciplinar é uma característica importante relacionada, inclusive, à sua definição etimológica: o amor ao saber pressupõe essa abertura – o(a) filósofo(a) que não dialoga com seus pares ou com outras ciências/disciplinas corre o risco de encapsular o pensamento. A Filosofia é também um modo de estar no mundo: filosofar é comprometer-se com a transformação da realidade. Uma vez afetado por ela, é impossível voltar a ver as coisas como se via antes.

Referências

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Palestra proferida no TED em 7 out. 2009. Disponível em: <https://youtu.be/D9Ihs241zeg>. Acesso em: 11 dez. 2022.
- ARAÚJO, A. M.; LIMA, J. G. S. A. A relevância do ensino de sociologia e de filosofia para a formação dos jovens no séc. XXI. **Revista HOLOS**, vol. 4, p. 166-176, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.15628/holos.2015.3223>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

- BAUMAN, Z; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: para uma literatura menor. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 3 ed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DOUTOR GAMA**. Direção de Jeferson De. Produção: Paranoid, Globo Filmes e Buda Filmes. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2021 (80min).
- FANON, F. Racismo e cultura. In: MANOEL, J; LANDI, G. (org.). **Revolução Africana**: uma antologia do pensamento marxista. São Paulo: Autonomia Literária, p. 64-79, 2019.
- FERRÉZ. **Os ricos também morrem**. São Paulo: Editora Planeta, 2015.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.
- GAGNEBIN, J. M. Filosofia e Literatura. **Revista Limiar**, Guarulhos, vol. 3, n. 5, p. 4-14, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.34024/limiar.2016.v3.9243>>. Acesso em: 30 nov. 2022.
- GONÇALVES, P. 17 mulheres negras brasileiras que lutaram contra a escravidão. **Portal Geledés**, 10/07/2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/17-mulheres-negras-brasileiras-que-lutaram-contr-a-escravidao/>>. Acesso em: 13 maio 2022.
- GUIDO, H.; GALLO, S.; KOHAN, W. Princípios e possibilidades para uma metodologia filosófica do ensino de filosofia: história, temas, problemas. In: CARVALHO, M.; CORNELLI, G. (org.). **Ensinar filosofia**. Cuiabá: Central de Texto, p. 105-128, 2013.
- INFORME SOBRE LA INEQUIDAD**. Direção e produção: Pablo Nisenson. Portal Curta Doc. 2011. 10'27". Disponível em: <<https://curtadoc.tv/curta/direitos-humanos/espanol-informe-sobre-la-inequidad/>>. Acesso em: 01 dez. 2022.
- MAIOTTI, Á. de S. **Entre as sendas da literatura**: um ensaio metodológico para o ensino de filosofia. 2018. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Novo Hamburgo, 2018a. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/14193>>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- MAIOTTI, Á. de S. Veredas literárias do ensino de filosofia: possibilidades metodológicas. In: SEMANA ACADÊMICA, 8, 2018b, Novo Hamburgo. **Caderno de Resumos...** Novo Hamburgo: Polo da Universidade Aberta do Brasil em Novo Hamburgo, p. 5-6. Disponível em: <http://polouabnh.weebly.com/uploads/1/2/8/4/12842441/cadernos_de_resumos_semana_acad%C3%80mica_viii.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.
- MAIOTTI, Á. de S. Da abstração à materialidade: filosofia e literatura para ler e agir no mundo. In: SEMANA DE FILOSOFIA & LITERATURA UFSCAR: 'A PROSA DO MUNDO', 1, 2018c, São Carlos. **Caderno de Resumos**. São Carlos: Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências da Universidade Federal de São Carlos, p. 26-27. Disponível em: <https://0c1810d8-690b-49cd-a8a8-e788fb54b17f.filesusr.com/ugd/bed465_a7e326402a434431821ecd5434afaadc.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- MAIOTTI, Á. de S. Ensino de filosofia, redução e reprodução das desigualdades sociais nos espaços escolares. **Revista Uniñtalo em Pesquisa**, São Paulo, vol. 9, n. 2, p. 129-144, 2019a. Disponível em: <<http://pesquisa.italo.com.br/index.php?journal=uniitalo&page=article&op=>

- view&path%5B%5D=285>. Acesso em: 24 out. 2022.
- MAIOTTI, Á. de S. Caminhos literários do ensino de filosofia. *Revista Digital de Ensino de Filosofia – REFILO*, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 89–99, 2019b. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2448065736384>>. Acesso em: 24 out. 2022.
- MAIOTTI, Á. de S. **Objetos de aprendizagem e ensino de filosofia: uma experiência com a Plataforma Currículo+**. 2018. 14f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação e Tecnologias) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018d.
- MAIOTTI, Á. de S. Objetos de aprendizagem e ensino de filosofia: uma experiência com a Plataforma Currículo+. *In: CONGRESSO SABERES DA DOCÊNCIA*, 8, 2019c, São Paulo. **Livreto...** São Paulo: Instituto Inovar, p. 27.
- MAIOTTI, Á. de S. **Fronteiras permeáveis: um ensaio de articulação metodológica entre sociologia e filosofia no ensino médio**. 2019. 15f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sociologia para o Ensino Médio) – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, 2019d.
- MAIOTTI, Á. de S.; ROCHA, C. S. Ensino de Filosofia e Literatura Marginal: um desafio metodológico. *In: MENDES, A. A. P. (org.). Ensino de Filosofia: pesquisas e práticas pedagógicas nas diferentes linguagens e espaços*. 1 ed. Curitiba: Bagai, 2020, p. 134-150. Disponível em: <https://editorabagai.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Ensino-de-Filosofia_Editora_BAGAI_e-book.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- MAIOTTI, Á. de S.; MONTEIRO, M. I. Objetos de aprendizagem e ensino de filosofia: uma experiência com a plataforma Currículo+. *In: VELOSO, B.; MILL, D.; SANTIAGO, G. (orgs.). Luzes sobre Inovações Pedagógicas e Inovações Tecnológicas: reflexões sobre professores, estratégias e aprendizagens*. 1 ed. São Carlos: SEaD-UFSCar, 2021, v. 6, p. 163-174.
- MAIOTTI, Á. de S.; BORBA, K. L. A. Fronteiras permeáveis: ensinar Sociologia e Filosofia. **Revista Lumen**, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 33-41, jul./dez. 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.32459/revistalumen.v6i12.173>>. Acesso em: 24 out. 2022.
- MURCHO, D. A natureza da Filosofia e o seu ensino. **Educação**, [s. l.], v. 27, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/4435>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- OTSUKA, J. L. Objeto de aprendizagem. *In: MILL, D. (org.). Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância*. Campinas: Papirus, 2018, p. 481-484.
- SÃO PAULO (Estado). **Currículo Paulista: etapa ensino médio**. São Paulo: Seduc, 2020. Disponível em: <<https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2020/08/CURR%C3%8DCULO%20PAULISTA%20etapa%20Ensino%20M%C3%A9dio.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- SOUZA, E. **Em legítima defesa**. Disponível em: <<http://mjiba.blogspot.com/2011/10/em-legitima-defesa-de-elizandra-souza.html>>. Acesso em: 11 dez. 2022.
- THIESEN, J. da S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, v.13, n.39, p.545-554, set./dez. 2008.
- VAZ, S. **Literatura, pão e poesia**. São Paulo: Editora Global, 2011.
- VEIGA-NETO, A. J. da. Currículo, disciplina e interdisciplinaridade. **Revista Idéias**, São Paulo, n. 26, p. 105-119, 1995. Disponível em:

<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_26_p105-119_c.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2022.

Recebido em: 31/01/23

Aprovado em: 04/05/23